

Apresentação

MATEUS FERNANDO DE OLIVEIRA

É surpreendente o impacto da canção sobre a vida e a história das pessoas, pois muitas vezes a canção torna-se a trilha sonora de nossas travessias, motor de inspiração ou ainda, a própria expressão literária. Neste volume 28, da Revista Estação Literária é, sobretudo, expressão de arte, de significações. Assim, as relações entre Canção e Literatura reforçam o entendimento de que a literatura dá suporte e ainda se relaciona diretamente com a canção, seja por meio das letras, das oralidades, das vozes, das sonoridades, dos ritmos, das melodias, das harmonias, das performances e/ou poéticas.

Tempos antes da chamada deste volume ir ao ar, conheci o senhor Adécio Gomes, agricultor assentado na região de Alvorada do Sul. O agricultor contou-me sua história de vida e de como conseguiu, junto ao MST, o seu “pedaço de chão”, o sítio onde vive com a esposa e preserva com afeto. Ao resumir sua trajetória sugeriu a canção “Meu Reino Encantado” (2000), interpretada pelos artistas Daniel e Zé Camilo, como síntese de toda sua história: “Essa canção, ela canta toda a minha vida”; o que sensibilizou os editores deste volume 28, edição de JUL - DEZ/2021 a buscar as relações entre literatura e canção no cenário atual dos estudos literários.

O resultado, além de satisfatório, amplia e atualiza as reflexões em torno da canção nos estudos literários. Por conseguinte, a chamada do presente volume contém a contribuição do Prof. Dr. Luis Eduardo Veloso Garcia, docente da Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP. É provável que as provocações do professor tenham estimulado a variedade dos trabalhos aqui publicados, tendo em vista comentar os diversos campos de análise e discussões teóricas em torno da canção, além de contribuir para o aumento do fluxo recebido de trabalhos para integrar o Espaço de Criação da revista.

A arte de capa é uma contribuição do tatuador e artista visual pirajuense João Victor Nunes de Oliveira, @panda_art13, especialista em técnicas *old school* e *black work tattoos*. A ilustração do pássaro sobre o livro é uma metáfora da literatura viva, que canta. Os elementos regionalistas compõem a brasilidade, em referência à literatura e à música popular brasileira. Ainda no campo das artes visuais, a fotografia publicada é uma contribuição do também poeta e músico, Vitor Miranda

O primeiro artigo do presente volume é “Literatura, música e os abismos inexistentes: uma reflexão sobre o universo artístico fragmentado”, da doutoranda em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Fernanda de Carvalho Nery, o trabalho analisa as canções “Abalos sísmicos” e “Esse filme que passou foi bom”, da cantora e compositora Letrux (2020), indicando a impossibilidade de reduzir literatura e música em campos limítrofes.

Marcos Hidemi de Lima, professor da UTFPR, campus de Pato Branco em “Representações da sociedade brasileira em A Noiva do Condutor”, aborda as canções de Noel Rosa compostas para a opereta de Arnold Gluckman, destacando as críticas contundentes à sociedade brasileira da década de 1930, direcionadas aos relacionamentos amorosos cujo envolvimento se dava a partir de interesses financeiros, amparando suas considerações nos estudos literários e na sociologia.

“Canções e migrações: convergências representacionais”, de Dionei Mathias, docente da UFSM, analisa as canções “Big City Life”, da dupla Mattafix e “Auf Uns”, de Andreas Bourani, tomando a semiótica como aporte, busca a confluência de significações entre as letras e os cliques.



O artigo intitulado: “Bob Dylan: a música rock enquanto autoficção” reflete sobre a persona pública do artista, encarada como parte da criação artística do cantor, intimamente ligada a seus poemas e canções, de modo que esta heteronímia performativa desperte reflexões acerca da literatura por meio da performance, da identidade como construção poética em permanente devir e ainda, das alterações do paradigma entre autoria e autor.

O trabalho de Ronald Ferreira da Costa, docente do IFPR junto ao graduado em Letras - UEL, Felipe Ziliotto, intitulado: “Muito além da serenata: a seresta como pervivência da lírica trovadoresca” propõe um resgate às serestas, um gênero de música popular de conteúdo amoroso, comum no séc. XIX, permitindo ao leitor acessar reflexões sobre a temática do amor, contextualizando o tema em relação à lírica trovadoresca, à história da canção urbana portuguesa e brasileira, a fim de discutir a construção das tradições seresteiras.

Os pesquisadores Marcos Júlio Sergi, doutor pela USP, Maria Auxiliadora Fontana Baseio e Lourdes Ana Pereira, ambas, docentes na UNISA contribuem com o artigo “Canção, literatura e audiovisual: paisagens sonoras em O Auto da Compadecida”, tendo como objeto de estudo a trilha sonora do longa “O Auto da Compadecida” (2000), dirigido por Guel Arraes enquanto tradução intersemiótica da peça de Ariano Suassuna (1955), considera a articulação da produção sonora com questões como a identidade e a memória inconsciente da coletividade, o que permite aos autores questionar o entendimento da canção pela predominância da análise textual, além do mais, discute-se as relações entre oralidade e sonoridade, o que segundo Schaffer (1991) são duas instâncias expressivas a compor a paisagem sonora da narrativa.

Fernando Villatore - doutorando pela UFPR, apresenta-nos o artigo “Prison songs: tradução comentada das chain gangs a partir do conceito de relativismo consequente”. “Black woman”, canto de trabalho prisioneiro das chain gangs estadunidenses, é apresentado sob o enfoque da literatura oral, considerando a performance e suas implicações tradutórias nos cantos de trabalho prisioneiro, neste caso, o autor enfatiza o quanto tais cantos estão atrelados e são dependentes da performance.

Por fim, Debora Regina Bacega, doutoranda pela ESPM/SP escreve “Vozes, canções e memórias: a poética de Hilda Hilst nos acervos digitais”, destacando os poemas de Hilda Hilst musicados por Adoniran Barbosa e Zeca Baleiro, sendo hoje, canções que integram o acervo bibliográfico da escritora e que contribuem para a disseminação da poética hilstiana.

Ao *Espaço de Criação*, coube o enlevo de receber artistas em atividade no Paraná, dentre as expressões contempladas no volume, temos os poemas “Aprendi com ela”, da escritora Celina Gomes, docente do IFPR, campus de Assis Chateaubriand e “Estelionato”, do poeta, publicitário e professor, Jean Carlo Barusso. O espaço se encerra com um trecho da letra da recém-lançada: “888”, do artista londrinense Mauro Lopes da Silva Junior, @maaucantor, músico e produtor de hip-hop e funk.

Caros leitores, orgulhosamente a *Revista Estação Literária*, periódico científico do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina - UEL põe ao ar este volume 28.

Enfim, desejamos que os trabalhos aqui apresentados sirvam de subsídios aos estudos que se desenvolverão sobre o tema da publicação. Que as canções ecoem para além de nós.

